

Mortes não param no sinal vermelho

Coração lidera óbito no DF, mas acidente de trânsito mata mais que câncer

PAULO MIRANDA
Da Editoria de Cidade

Nos últimos anos, o perfil da mortalidade no Distrito Federal mudou. As mortes provocadas por doenças infecciosas e parasitárias diminuíram, enquanto os óbitos decorrentes de doenças crônico-degenerativas (cardiovasculares e câncer) aumentavam o número de vítimas. Nos últimos anos, as doenças cardiovasculares foram responsáveis por mais de 8 mil 800 mortes no DF. Esse número, alarmante, levou o médico-cirurgião, Ruy Archer, a defender a criação, em Brasília, de um Instituto do Coração, com o objetivo de evitar o aumento dessas doenças.

Muitos médicos ainda ignoram qual é a doença que mais mata no DF. Mas se todas as causas mortis fossem disputar uma corrida de Fórmula Um no Autódromo de Brasília, por exemplo, a pole position pertenceria às doenças do aparelho circulatório. Fazem parte desse grupo os seguintes tipos de doenças: as cerebro-vasculares (usualmente chamadas de trombose ou derrame); as insuficiências cardíacas e as doenças isquêmicas do coração, que na verdade são os infartos do miocárdio.

Estudo recente da Secretaria de Saúde mostra que 54,4 por cento dos óbitos em indivíduos com idade igual ou superior a 50 anos decorrem das doenças do aparelho circulatório, o mesmo acontecendo com 24,3 por cento do grupo de 20 a 49 anos.

Em segundo lugar, largariam as causas externas, representadas basicamente pelos acidentes de trânsito, atropelamentos, suicídios, homicídios e acidentes de forma geral. O acidente de trânsito sozinho mata mais do que o câncer de estômago, pulmão, mama e útero reunidos. Mesmo sem considerar os acidentes e homicídios como doenças, as causas externas são graves problemas de saúde pública no DF.

Estatisticamente, o acidente de trânsito é a causa mortis que mais aumentou nos últimos anos, mesmo considerando o aumento populacional. Em 1977, os acidentes de trânsito vitimaram 201 pessoas. No ano seguinte, o número caiu para 158. No entanto, 10 anos depois, em 1986, o número de mortes dobrou e foi para 411. Entre 77 e 86, 2 mil 402 pessoas perderam a vida nas ruas de Brasília. E de janeiro de 87 a agosto deste ano morreram 556 pessoas, segundo levantamento preliminar da Secretaria de Serviço Público, sendo 286 em acidentes de trânsito e 270 em atropelamentos com vítimas fatais.

Os dados sobre os assassinatos servem para derrubar qualquer tese sobre uma vida pacífica e calma no DF. Depois dos acidentes de trânsito as facadas e os tiros ocupam destaque no quadro geral de mortalidade. Entre 1977 e 1986 foram assassinadas 1 mil 627 pessoas. Esse dado comprova a violência expressa na cidade.

TERCEIRO LUGAR

A terceira posição no grid de largada seria ocupada pelo câncer. O nome dessa doença nos atestados de óbitos aparece como neoplasia maligna, carcinoma, metástase ou adenocarcinoma. O câncer mais comum é o de estômago e depois vem o do cólon do útero. Mas atualmente há um aumento expressivo do câncer de pulmão.

Embora não haja uma pesquisa sobre a doença no DF, "o câncer de pulmão está seguramente associado ao consumo de cigarro", afirma o médico Renato Maia Guimarães, coordenador do Programa de Doenças Crônico-Degenerativas do Departamento de Saúde Pública. Enquanto houve 562 mortes por câncer de estômago entre 77 e 86, no mesmo período morreram 497 pessoas por câncer no pulmão.

Além disso, está provado que o hábito de fumar prejudica a saúde dos fumantes ativos e dos passivos, sem contar que os efeitos colaterais do cigarro duplicam o risco do acometimento de doenças do coração. Preocupados com esta questão, os ministros da Saúde, Borges da Silva, e do Trabalho, Almir Pazianotto, assinaram recentemente uma portaria conjunta restringindo o fumo em empresas privadas, estatais, órgãos públicos e transporte coletivo.

MULHER

Um outro tipo de câncer, o de cólon do útero, é assustador e em 10 anos (77-86) matou 421 mulheres. Para Renato Maia, esse tipo de câncer é um dos indicadores do baixo nível de vida, além de ser de fácil tratamento médico porque o intervalo entre o aparecimento do câncer e o óbito é de 10 anos.

As mortes ocorrem, segundo ele, devido à desinformação da mulher que não procura assistência médica necessária. Renato Maia considera a rede assistencial-hospitalar pública de fácil acesso à população, mesmo levando em conta que o DF funciona como um centro de captação de doentes, especialmente dos Estados da Bahia, Minas Gerais, Maranhão, Piauí e Goiás. Segundo ele, as principais causas do câncer do cólon do útero são três: início precoce da atividade sexual, filho precoce e promiscuidade.

As causas mortis de maior incidência são prematuridade, desidratação, bronquite, traumatismo craniocéfálico, infec-

Mas a taxa de mortalidade não está apenas nos hospitais. Os acidentes de trânsito, por exemplo, ocupam um lugar de destaque no quadro geral de causas mortis, seguidos pelos atropelamentos e homicídios. Sozinho, o acidente de trânsito faz mais vítimas fatais do que o câncer de estômago, pulmão, mama e útero reunidos. Por essa razão, as causas externas, que não são consideradas doenças, acabam se transformando, paradoxalmente, no mais grave problema de saúde pública do DF. E com o aumento das mortes, um novo problema se anuncia: onde sepultar os mortos em Taguatinga e Gama?

ção das vias respiratórias, pneumonia, edema pulmonar, desnutrição (fome), paralisia cerebral, arritmia cardíaca, coma neurológico, caquexia, tuberculose, insuficiência respiratória, insuficiência renal, metástase pleural, senilidade, aneurisma intracraniano, broncopneumonia, septicemia, adenocarcinoma, leucemia linfoblástica, trombose mesentérica, piodermite, embolia pulmonar, choque hipovolêmico, anemia aguda, carcinomatose generalizada, seqüela de AVC e diabetes. Essas são doenças ligadas aos aparelhos respiratório e digestivo, ao sistema nervoso e às neoplasias, que são os vários tipos de câncer.

Além dessas doenças há 16 outras causas mortis mais populares. Elas são totalmente vinculadas ao aparelho circulatório e dependentes diretamente do funcionamento do coração. São elas: tamponamento cardíaco, insuficiência cardíaca, derrame, arteriosclerose, acidente cerebral vascular, cardiopatia congênita, miocardiopatia chagásica (doenças de Chagas), hipertensão arterial, arritmia cardíaca, infarto agudo do miocárdio, edema pulmonar, edema cerebral, miocardiopatia hipertrófica, assistolia ventricular, insuficiência coronária e cardioclerose.

Somente essas doenças do aparelho circulatório matam mais do que todas as outras. Por exemplo, 54,4 por cento dos óbitos em indivíduos com idade igual ou superior a 50 anos decorrem daquelas doenças, o mesmo acontece com 24,3 por cento do grupo de 20 a 49 anos. Em 1986, 5 mil 567 pessoas foram sepultadas no DF. Delas, 1 mil 336, ou seja, 24 por cento, faleceram com problemas no aparelho circulatório. No ano seguinte, em 1987, a percentagem aumentou para 26,2 por cento. Foram 1 mil 423 mortes por problemas no aparelho circulatório em 5 mil 436 sepultamentos.

CLASSE SOCIAL

As doenças do aparelho circulatório não têm classe nem preferência por uma camada social. Em cinco anos (1980-1985) aquelas 16 doenças foram responsáveis pela morte de 5 mil 699 brasilienses. Já em 1987, de acordo com os dados provisórios do Departamento de Saúde Pública, as percentagens de incidência das doenças do aparelho circulatório por local de moradia são: 29,3% no Plano Piloto; 30,6 no Núcleo Bandeirante; 27% em Sobradinho; 26,8% no Gama; 26,3% em Brazlândia;

Plano, recorde nacional

Mortalidade infantil, natimorto e aborto são três assuntos ainda polêmicos no Brasil. Para entendê-los é preciso recorrer às definições médicas de cada um dos assuntos. Porém, sem entrar na discussão polêmica, o Serviço Funerário de Brasília (SFB) inventou uma regra bastante simples e genérica: criança é qualquer pessoa menor de 13 anos.

Desta forma, de 4 mil 67 sepultamentos realizados no DF entre janeiro e julho deste ano, 1 mil 278 foram de crianças. Entretanto, uma pesquisa preliminar do Departamento de Saúde Pública mostra que entre essas crianças há 124 natimortos, que foram sepultados em janeiro, fevereiro e março.

Estudos da Secretaria de Saúde assinalam que a mortalidade infantil no Plano Piloto é de 25 crianças a cada mil nascimentos e nas cidades-satélites, 32 por mil. O índice do Plano Piloto, considerado o menor do País, é um recorde nacional. Sabe-se que a cada 20 minutos morre no Brasil uma criança menor de 4 anos, por desnutrição. Mas não há dados sobre o número de natimortos em intervalo de tempo definido.

DEFINIÇÕES

Normas da Organização Mundial de Saúde (OMS) especificam que mortalidade infantil, refere-se a crianças de zero a um ano de idade. Define que natimorto é um feto com 26 a 28 semanas de gestação. O natimorto não recebe nome, mas é considerado cadáver e sepultado conforme recomendações da OMS. Já aborto, para a entidade internacional, "é toda e qualquer perda precoce do feto com menos de 20 semanas de gestação". A entidade considera os fetos abortados "lixo hospitalar", por isso não são sepultados.

28,5% em Taguatinga, 25,9% no Guarã, e 24,4% em Planaltina.

As doenças do aparelho circulatório perderam para outra causa mortis apenas em dois lugares: Ceilândia e Vila Paranoá. Naqueles locais a violência falou mais alto, abrindo espaço para que a causa externa (acidentes e homicídios) ocupasse o primeiro lugar com os índices de 23,6% na Ceilândia e 23,1% na Vila Paranoá. No entanto, as doenças do aparelho circulatório vieram em segundo lugar: 20% na Ceilândia e 22,9% na Vila Paranoá.

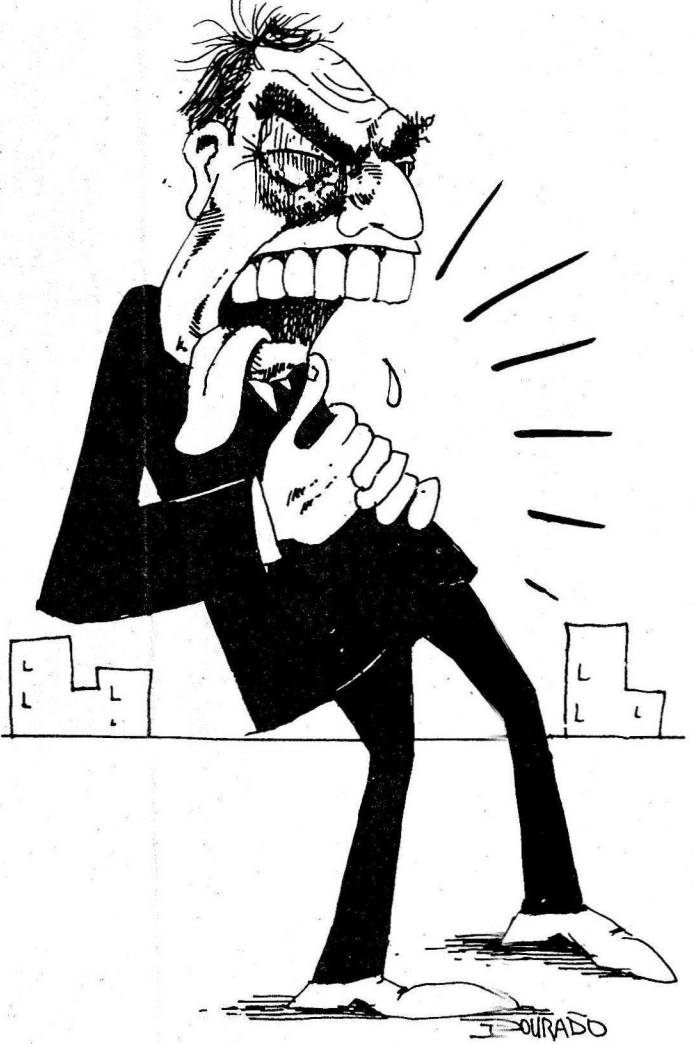
MORTALIDADE EM 1988

Para os três primeiros meses deste ano o panorama da mortalidade continua o mesmo. Os números do Departamento de Saúde indicam que em janeiro, fevereiro e março morreram 324 pessoas doentes do aparelho circulatório; 279 por causas externas; 154 de câncer; 115 com problemas no aparelho respiratório; 100 no período perinatal; 86 atacados por doenças infecciosas e parasitárias; 68 por causa do aparelho digestivo; 63 com problemas nas glândulas endócrinas e da nutrição, do metabolismo e transtornos imunitários; 27 do aparelho genitourinário; 39 com anomalias congênitas; 24 por causa do sistema nervoso e quatro com problemas no sangue e nos órgãos hemopoéticos.

ALERTA

A categoria médica chama a atenção das pessoas para um tipo de doença que é preocupante: trata-se da hipertensão, principalmente por ser Brasília a sede do poder do País. A hipertensão, popularmente conhecida por stress, apesar de não matar a curtíssimo prazo, segundo o médico Renato Maia, a longo prazo é uma doença que fatalmente leva à insuficiência cardíaca; provoca derrame, doenças cerebro-vasculares e até o infarto agudo do miocárdio.

Em documento, o Ministério da Saúde e a Secretaria de Meio Ambiente do Rio Grande do Sul apontam que no Brasil — e Brasília não foge à regra — estima-se que 15 por cento das pessoas com 20 anos e mais são hipertensas. Esse percentual, somado com os 35 por cento dos indivíduos hipertensos de idade superior a 50 anos, leva à evidência de que 10 milhões de brasileiros são hipertensos. Apesar de não estar encabeçando nenhuma lista de causa mortis, somente em 1986 a doença vitimou 110 pessoas no DF.



Corações batem pelo Incor

Estudos realizados no DF demonstraram acréscimo nos índices de mortalidade por doenças coronarianas e acidente vascular cerebral, além de outras estritamente relacionadas com o aparelho circulatório. São 8 mil 558 óbitos no período de 1980 a 1987 e 324 mortes nos três primeiros meses deste ano. Paralelamente, estatística do Departamento de Saúde Pública mostra que doença no aparelho circulatório aparece em primeiro lugar como causa mortis no Plano Piloto, Sobradinho, Taguatinga, Gama, Planaltina, Brazlândia, Guarã e Núcleo Bandeirante.

Mas, para o médico-cirurgião e assessor do secretário de Saúde, Ruy Bayma Archer da Silva, muitas vidas poderiam ter sido salvas se existisse no DF um Instituto do Coração (Incor-DF) com plantonistas durante as 24 horas do dia. Ruy Archer disse que se alguém tiver um infarto em Brasília não há a quem recorrer. Ele citou, inclusive muitas pessoas que morreram recentemente por absoluta falta de assistência adequada.

EXEMPLO

Ruy Archer relatou, ainda, como o Instituto do Coração de São Paulo salvou o deputado Ulysses Guimarães — presidente da Constituinte, do PMDB e da Câmara dos Deputados. Segundo ele, o deputado Ulysses

FOTOS: FRANCISCO GUALBERTO



Archer: instituto no DF



Mourão: cemitérios lotados

Inês é morta. E cremada?

Há duas cidades-satélites que em alguns meses não poderão mais enterrar seus mortos, já que a cremação ainda sofre resistências. O caso mais urgente é o cemitério do Gama. Em seis meses ele estará com a capacidade física esgotada. Outro problema sério é o cemitério São Francisco de Assis, em Taguatinga que em um ano poderá fazer sepultamento só de famílias proprietárias de terrenos.

As previsões foram feitas pelo chefe de Serviço Funerário de Brasília (SFB) Raimundo Mourão Carlos. Ele disse que a maior parte da área do cemitério do Gama "é impraticável para sepultamento porque o terreno é pedregoso. O crescimento desproporcional da população de Taguatinga e Ceilândia é a causa do esgotamento da capacidade física do cemitério São Francisco de Assis".

Segundo levantamento realizado, dos 4 mil 67 sepultamentos feitos nos sete primeiros meses deste ano, em todo o DF, 1 mil 227 ocorreram em Taguatinga e 624 no Gama. Para Raimundo Mourão, se ele tiver de fechar os cemitérios do Gama e de Taguatinga haverá uma sobrecarga do cemitério Campo da Esperança, no Plano Piloto.

Com uma área nobre de 1 milhão 358 mil 345 metros quadrados, dividida em 317 quadras e contando com uma área de reserva e uma especial, dividida entre os setores A, B e C, o Campo da Esperança ainda tem pela frente somente oito anos úteis. Mas esse tempo poderá ser reduzido se a demanda aumentar sem nenhum controle.

Responsável pela maioria dos sepultamentos, o Campo da Esperança este ano já recebeu 1 mil 730 corpos. Por enquanto, nos outros cemitérios reina a tranquilidade. A demanda em Planaltina, Sobradinho e Brazlândia é bem menor. A soma de pessoas sepultadas naquelas três cidades-satélites, de janeiro a julho deste ano, não passa de 486.

A solução para desafogar os cemitérios do Gama, Taguatinga e Plano Piloto, conforme Raimundo Mourão, seria a construção de mais cemitérios por parte do GDF ou de empresas particulares. A construção de um crematório, na visão dele, traria dois problemas: o primeiro é que a fortuna que se gastaria com a construção daria para construir mais cemitérios, o segundo refere-se à mentalidade latino-americana que não aceita muito o crematório.

ANÚNCIO

FONADO

223-2323